

Laura Tula,  
aluna da 2ª série C  
do Ensino Médio.

# VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL  
ano 1 / nº 3 / 3º trimestre letivo de 2017



# A importância do Inglês

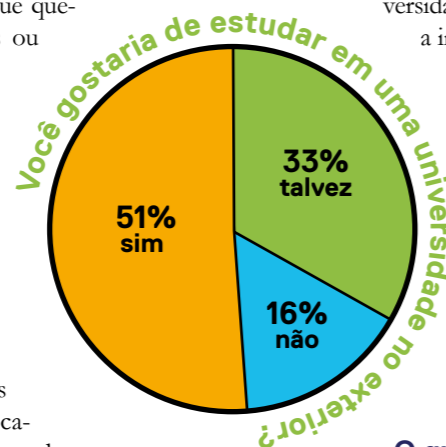
A coordenadora de Inglês, Elaine Aaltonen, diz por que os alunos podem almejar ir mais longe.

## Na sua opinião, que peso os alunos do Vital dão ao Inglês?

A maioria dos alunos do Vital dá muita importância ao Inglês. Em agosto, fizemos uma pesquisa com alunos do Ensino Médio; 93,7% deles consideram o Inglês “importante” ou “muito importante” para sua vida pessoal. Para o futuro acadêmico e/ou profissional, são praticamente todos: 99,5%. O interessante é que eles valorizam o Inglês, não importa a área em que vão atuar; estão distribuídos igualmente entre os que querem Humanas, Exatas, Biológicas ou os que ainda não decidiram.

## Saber Inglês é útil para qualquer um hoje em dia.

Sim, é verdade. Mas o aprendizado do Inglês pode tornar-se muito mais significativo quando a pessoa não só *aprende o Inglês* – desenvolvendo as quatro habilidades comunicativas à medida que se apropria do vocabulário e das estruturas linguísticas do idioma –, mas também *aprende em Inglês*, ou seja, usa a língua inglesa como instrumento de acesso a conhecimentos gerais. No Vital, o Inglês é um meio de adquirir repertório em todas as áreas de conhecimento. Vários alunos já nos disseram que foram bem em questões de História, Geografia e até mesmo na produção de textos do Enem e de exames vestibulares, porque usaram o conhecimento adquirido em Inglês, em sala de aula ou pela internet. Vale ressaltar que a língua inglesa é predominantemente usada na internet. Uma pesquisa divulgada em junho pela “World Internet Stats” mostra, por exemplo, que 25% dos usuários da internet (985 milhões) se comunicam em inglês, enquanto apenas 4% (158 milhões) utilizam o português.



## O que a pesquisa revela sobre as expectativas dos alunos em relação ao Inglês?

A maioria cita, como principal objetivo, “adquirir fluência” ou “adquirir conhecimento suficiente para um bom desempenho em vestibulares”. Mas outra questão revela uma demanda indiscutível: 51,2% gostariam de estudar em universidades no exterior. Nós temos prestado consultoria aos interessados, um trabalho que vai além da parte burocrática. Por exemplo, os *sites* dessas universidades listam documentos exigidos para a inscrição; o que eles *não dizem* é que o *admission officer* [profissional responsável por aprovar os candidatos] tem poucos minutos para avaliar cada uma de centenas de inscrições. Por isso, tão importante quanto suas notas é se mostrar interessante: listar atividades extracurriculares, esportes, talentos, trabalhos voluntários. Em suma, o que faz de você alguém que agregue valor àquela comunidade escolar.

## O que os índices de certificações de Cambridge revelam?

Que os alunos buscam um currículo diferenciado e proficiência em língua inglesa para ampliar a capacidade de construir uma carreira acadêmica e profissional de ponta. Cerca de 40% dos nossos alunos da 3ª série do Médio têm se graduado com pelo menos o FCE (*Cambridge English, First*). Atualmente, temos um saldo de mais de 150 certificações internacionais, obtidas por alunos que foram aprovados nos exames de Cambridge, no período de 4 anos. E apenas 5,53% de todos os nossos alunos, da Educação Infantil ao Médio, fazem curso fora do Colégio, em escolas de idiomas. Esses dados parecem validar o nosso programa e nos estimulam a continuar buscando aprimoramento para torná-lo melhor a cada ano.

# Como avaliar e apreciar artes visuais?

Por  
**Maristela Pinheiro,**  
professora de  
Artes do Ensino  
Fundamental II  
e Médio.

- 1 Cultive um repertório.** Ninguém nasce sabendo de Arte. Podemos gostar ou não de uma obra, instintivamente, mas ir além exige repertório e prática. Visite mais museus e exposições. Quanto mais se conhece, mais se abre o canal de sensibilidade e percepção do que a Arte tem a mostrar.
- 2 Vá e veja – e então busque mais informações.** Examine os elementos da obra (cores, linhas, texturas, etc.) por conta própria, mas aproveite as informações que o museu tem a passar. Elas acrescentam à compreensão, especialmente da arte contemporânea, que tende a ser mais conceitual.
- 3 Leia sobre Arte.** Não é preciso ser especialista, mas conhecer um pouco sobre escolas artísticas ajuda a entender a proposta do autor e da obra. Um Picasso é mais bem apreciado por quem sabe que o Cubismo propôs uma ruptura com o realismo figurativo.
- 4 Questione sua própria reação à obra.** A Arte pode frustrar expectativas e ir contra valores estabelecidos. Quando o Dadaísmo propôs uma Arte desordenada e ilógica, muita gente criticou e duvidou se era, de fato, artístico. O questionamento era a intenção. Quem diz o que é Arte, afinal?
- 5 Considere o contexto (1).** A curadoria de uma mostra já traz, em si, um caminho interpretativo. A mesma obra – p. ex., o Davi, de Michelangelo – pode estar em mostras sobre a representação do corpo humano ou sobre arte renascentista. A obra conversa com as outras ao seu lado.
- 6 Considere o contexto (2).** O local em que o artista expõe influencia a sua mensagem. Uma escultura ao vivo é diferente de uma reproduzida em livro. Um mural no metrô é visto em meio a intenso trânsito de pessoas; no museu, não. Um grafite em via pública tem efeito distinto do que no museu.



Alunos do 4º ano do Fundamental jogam bola de gude: assimilando o valor das regras.

## Entre o certo e o errado

Por que o trabalho de educação moral de crianças vai além da imposição de regras.

**Há quem olhe para crianças jogando bolas de gude e veja uma simples brincadeira infantil.** Jean Piaget, psicólogo e epistemólogo suíço que revolucionou a Pedagogia no século XX, via uma metáfora da vida em sociedade.

Como observou Piaget, uma criança pequena não segue regras ao brincar. O prazer de dar petelecos nas bolinhas é mais importante do que participar da atividade coletiva. Então a criança cresce e quer entrar no jogo, que ela sabe ser ordenado por regras. Ela não questiona as regras – as regras são o que são, determinadas por uma autoridade suprema – e, na maior parte do tempo, obedece a elas. De vez em quando, porém, ela ignora o regulamento, inventando variações no jogo por interesse próprio (“não valeu, vou jogar de novo”, “vou só limpar o caminho”). Até que a criança cresce mais um pouco e percebe que pode, em conjunto, definir as regras do jogo. Estando o grupo de acordo, o que todos combinarem passa a valer. Ir contra as regras, agora, será mais custoso, porque cada regra é algo que a criança conscientemente considera correto. Burlar o jogo irá de encontro às suas convicções pessoais, aos seus próprios valores.

A observação de Piaget acerca da dinâmica do jogo infantil influenciou seu entendimento sobre a formação moral dos indivíduos – e o trabalho de educadores nas primeiras fases da vida escolar. É quando, diria Piaget, a criança sai do estado de anomia (não reconhecimento de normas sociais) para o de heteronomia (obediência a normas por reconhecimento de autoridade superior), para, mais tarde, chegar à autonomia (obediência a normas por reconhecimento de seu valor intrínseco).

Se queremos que uma criança se torne uma pessoa honesta, justa, generosa e respeitosa, portanto, devemos acompanhá-la no percurso até a autonomia, quando ela agir corretamente não por dever, mas por livre consciência.

### “O urso sou eu”

A chave está na reflexão crítica. Uma criança só reconhece o valor de regras morais – não mentir, não ofender, não pegar nada de outros sem permissão – se pensar sobre elas e decidir, por conta própria, que fazem sentido. E, embora, até certa idade, essa criança não seja capaz, intelectual e emocionalmente, de ser autônoma de fato (ela ainda precisa da autoridade clara e direta de um adulto), é possível propiciar a ela discussões sobre regras de convívio social desde cedo. Uma ferramenta que o educador dispõe para isso é a literatura.

“Tradicionalmente, a escola trabalha com fábulas que trazem uma ‘moral da história’”, diz Renata Weffort, coordenadora assistente da Educação Infantil e do 1º ano do Vital. “Alguns livros modernos são mais interessantes, porque não oferecem uma moral tão clara, deixam aberta a discussão do que é certo e errado”. Em *Camilão, o Comilão*, por exemplo, a escritora Ana Maria Machado conta a história de um porco que, em vez de trabalhar por alimento,

pede comida aos outros bichos da fazenda. Seria uma postura reprovável? E se fosse revelado que Camilão estava preparando um banquete-surpresa para todos? No debate que se segue, os alunos refletem sobre o próprio comportamento. “O faz de conta é veículo para elaborarem questões da vida real”, diz Renata, citando o caso de uma aluna que, na leitura de outro livro, *O Urso Rabugento*, chegou a uma notável conclusão: “Professora, o urso sou eu”.

Tão frequentes quanto as rodas de leitura no cotidiano escolar, conflitos entre colegas são também oportunidades de reflexão sobre o que se deve ou não fazer na vida social. Para isso, contudo, uma intervenção qualificada do educador se faz necessária. Foi com esse objetivo que, em julho e agosto, a equipe gestora, o corpo docente e estagiárias da Educação Infantil, do Fundamental I e do Inglês do Vital participaram de encontros de formação com a psicóloga Flávia Vivaldi, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (Gepem), ligado à Universidade Estadual Paulista (Unesp). Um trabalho que será intensificado em 2018, com encontros bimestrais.

Flávia mostrou como, na mediação de conflitos, é possível evitar o tom condenatório em prol de uma comunicação mais construtiva. Como, por exemplo, em vez de juízos definitivos sobre a personalidade da criança (“você é muito grosseiro”), é preferível a descrição objetiva do problema (“vejo que está aborrecido, mas diga o que o incomoda sem bater no colega”). Isso dá à criança, segundo Flávia, a possibilidade de tomar consciência sem se sentir “atacada”. Outro conselho da psicóloga é o de empregar a escuta ativa dos alunos em conflito, entender a posição de cada um e parafrasear suas queixas para, em linguagem neutra, ajudá-los a ver o problema que ambos têm a resolver (“se entendi bem o que vocês disseram...”).

Em outros momentos, conflitos podem gerar lições e soluções para toda a classe. “Em uma turma de 3º ano, algumas situações problemáticas inspiraram uma discussão em sala de aula sobre ‘magoar sem intenção’”, diz Cybele Zancarli, coordenadora assistente do Fundamental I. “O interessante foi que adotamos a sugestão de uma aluna, de montar um gaveteiro com três gavetas para bilhetes: ‘Me faz bem!’, ‘Me faz mal!’ e ‘Nossas sugestões!’”.



Gaveteiro de sugestões em sala do 3º ano e assembleia de classe no 5º ano: decidindo e refletindo juntos o que pode e o que não pode.

**1** A educação moral deve promover na criança uma personalidade ética autônoma, que age corretamente não por obrigação, mas por reconhecimento do valor das regras sociais.

**2** A escola pode propor discussões sobre regras de convívio social desde cedo. Uma ferramenta para isso é o faz de conta: histórias que fazem pensar sobre certo e errado.

**3** Na mediação de conflitos entre alunos, é possível evitar o tom condenatório em prol de uma comunicação construtiva, que os faça refletir sobre virtudes e maus costumes.

Já no 5º ano, algumas ocorrências de desrespeito via *WhatsApp* motivaram uma discussão em assembleia geral na classe. Nos dois casos, o trabalho de educação moral envolveu tanto o uso da autoridade como, o que é mais importante, o exercício de consciência crítica.

Isso sem falar nas diversas instâncias em que o Colégio atua não para coibir maus comportamentos, mas para promover virtudes como solidariedade e respeito entre alunos. Como diz a coordenadora Káthia Kobal, “uma personalidade ética conduz à autoestima e a uma vida mais feliz. É quando agir certo e fazer o bem já nos basta, porque nos faz bem”.

# No rumo certo

Eles ainda têm três anos de escola, mas começar a pensar no futuro ajuda os alunos do 9º ano a se sentirem mais seguros.



- *Gatinho de Cheshire, poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar?*
- *Depende muito de aonde você quer chegar.*
- *O lugar não importa muito...*
- *Então não importa o caminho que você vai tomar.*

(*Alice no País das Maravilhas*, Lewis Carroll)

**Manuela Bruni admite: até alguns meses atrás,** a ideia de escolher uma profissão ainda não lhe havia ocupado a cabeça. “Eu pensava: ‘Ah, tem três anos ainda para decidir’”, diz a jovem, aluna do 9º ano do Fundamental. Para ela, a iminência do Ensino Médio do Vital, com três dias de período integral por semana, causava-lhe mais apreensão. “Eu tinha medo de ter mui-

ta coisa para estudar, de perder meu tempo livre”, conta Manuela, que já vinha revendo seus hábitos de estudo desde o início do ano, quando sentiu que ir aos livros só em véspera de prova, como costumava fazer, já não seria suficiente. Ainda assim, havia o receio de que as demandas do Médio fossem pesadas demais.

Até que uma sequência de atividades conduzidas pela coordenadora assistente do Fundamental II, Maria Cristina Campos, com as turmas de 9º ano, fez a aluna ver a questão sob outra perspectiva.

Começou com um questionário simples, que incitava os alunos a pensar um “projeto de vida”. O que significava para cada um “ter um plano, uma meta, para o futuro”? A coordenadora não queria nem esperava respostas definitivas sobre escolhas profissionais. Mas trazer o as-

sunto à mente – começar a pensar aonde se quer chegar – poderia produzir um efeito positivo na forma como aqueles jovens de 14 e 15 anos encarariam os desafios mais imediatos do Ensino Médio. Talvez não mais como sacrifícios, mas como o caminho certo a tomar. “Ter uma perspectiva de futuro é uma forma de identificar quais ações devem ser feitas no presente”, diz a coordenadora.

Batizada de Projeto de Vida, a sequência de atividades conduzidas por Maria Cristina é uma das frentes de um trabalho da Coordenação que visa facilitar a transição dos estudantes para o Ensino Médio. Como coloca o coordenador do Fundamental II, Roberto Leal, o primeiro fruto dessa frente é dar sentido ao esforço extra que eles terão de fazer no novo ciclo. “Um aluno que tem planos de cursar uma universidade de qualidade vê com mais clareza por que precisará dedicar mais horas aos estudos, abdicar de algumas distrações”, diz.

O testemunho de Manuela Bruni corrobora as palavras do coordenador. “[O projeto] me ajudou a ‘abrir o olho’. Agora, sei que não posso perder tempo”, diz a aluna, que afirma querer cursar Psicologia. Já Leonardo Silvestre, seu colega de turma, vê-se mais inclinado para a área de Exatas. Também ele se sentiu motivado pela reflexão sobre o futuro proposta pela Coordenação: “Acho que me ajudou quando eles perguntaram: ‘O que vocês se imaginam fazendo? Vocês realmente sabem o que envolve essa escolha?’ Porque aí eu fui atrás de pesquisar algumas opções”, diz o aluno, que, por ora, planeja cursar Engenharia Mecânica. Mas será que não é, de fato, muito cedo? E se Manuela e Leonardo mudarem de ideia nos próximos anos?

É aí que entra um segundo fruto, mais duradouro, do projeto. Uma vez considerados os planos de cada aluno, a atividade seguinte envolveu um exercício de autoavaliação que os ajudava a ter uma visão mais ampla de como vinham conduzindo seu dia a dia. “Foi quando eu apresentei a Roda da Vida para eles”, conta Maria Cristina.

## Protagonistas do próprio crescimento

A Roda da Vida é um diagrama simples. Uma circunferência com raios partindo de seu centro, cada raio formado por uma sequência numérica de 1 a 10, correspondente a algum quesito: Família, Escola/Notas, Relacionamentos, Saúde/Bem-Estar, Lazer/Diversão, etc. O objetivo é que cada aluno, individualmente, reflita sobre o peso que dá às diversas áreas de sua vida e lhe atribua um valor. O recurso gráfico já faz a maioria perceber, de forma mais clara do que com palavras, o que é necessário para se chegar a um equilíbrio.

“A meta não é pontuar 10 em tudo”, diz Maria Cristina. “Se você dedica todo o tempo aos estudos, vai lhe faltar o descanso necessário, o que não é bom; o contrário, tampouco. A questão é dar ferramentas e treiná-los a pensar:

‘Considerando minhas metas, qual aspecto da minha vida preciso trabalhar mais?’ E então eles traçam estratégias de ação”. O mais importante: ninguém tem de exibir a sua Roda da Vida. “É deles, fica com eles. Respeitamos a privacidade e a individualidade dos alunos, até porque o objetivo é que eles sejam os protagonistas de seu crescimento”.

Em outras palavras, se Manuela e Leonardo vierem a mudar de ideia sobre o que querem na vida, eles já estarão um pouco mais preparados para tomar esse tipo de decisão.

Mais preparados e mais tranquilos, já que um terceiro fruto do exercício de pensar o futuro foi o de desfazer ansiedades que poderiam crescer se o tema fosse ignorado. “No questionário aplicado, perguntamos com que frequência os alunos conversavam sobre o assunto”, diz a coordenadora assistente. “Parte expressiva deles não havia conversado com ninguém, nem com amigos, nem com familiares, nem com professores. Eles estavam felizes só de estarem discutindo o tema, pois estavam sedentos de informação”.

“O não falar é que faz o medo crescer”, diz Roberto Leal. “Além disso, mostramos com dados – as médias da turma – como eles estão tão preparados para o futuro quanto os alunos que vieram antes deles. O efeito foi realmente visível”.

**1** No 9º ano, começar a refletir sobre projeto de vida ajuda o aluno a ver com mais clareza o sentido por trás do esforço extra que fará no Ensino Médio, a razão dos desafios à frente.

**2** Orientados pela Coordenação, os alunos exercitam a autoavaliação, para aprenderem a identificar quais aspectos de suas vidas precisam trabalhar para atingir metas.

**3** Conversar sobre desafios e planos futuros com amigos, professores e familiares também ajuda a desfazer ansiedades, que podem crescer se o tema for ignorado.



# Construindo ideias e parcerias

Ao criarem máquinas e programarem robôs, alunos exercitam competências-chave do mundo atual.



**Fazer Ciência é aprender o valor do trabalho coletivo.** Já no século XVII, Isaac Newton dizia que, se ele havia enxergado mais longe, era por ficar de pé sobre os ombros de gigantes. Sem as descobertas e invenções de seus antepassados, reconhecia Newton, ele mesmo não teria sido capaz de muita coisa.

No início de outubro, Vitor Malvasi, aluno da 1ª série do Ensino Médio do Vital Brazil, apresentou sozinho seu projeto de sensor de vazamento de água na 6ª edição da Cienciarte – Mostra de Ciências e Cultura do Colégio. Mas Vitor, como Newton, apoiou-se sobre o trabalho de alguém que lhe antecedeu: sua irmã, Marina Malvasi.

Hoje aluna da 3ª série do Médio, Marina e duas colegas – Priscila Lacerda e Naomi Tominaga – participaram da Cienciarte no ano passado com um aparelho que alertava se uma torneira com defeito ou mal fechada começasse a pingar. A solução das meninas era engenhosa: instalado na borda de uma pia, o aparelho emitia vibrações ultrassônicas em direção ao centro; como o sonar de um morcego, o sensor media a distância percorrida pelas ondas até encontrarem algum obstáculo e retornarem. Se o obstáculo fosse detectado exatamente no centro da pia – nem um centímetro antes, como ocorreria se houvesse mãos sendo lavadas, nem depois –, tratava-se de um fio de água.

Então, neste ano, Vitor viu um modo de aprimorar o projeto da irmã. Embora o sensor criado por Marina e suas colegas emitisse um alerta sonoro e luminoso ao detectar o vazamento d'água, o jovem considerou que

seria mais útil alertar o usuário que não estivesse próximo à pia. Assim, ao aparelho original Vitor acoplou uma espécie de roteador que o conectava à internet, programando-o para enviar um SMS a um telefone celular quando a torneira estivesse pingando. “O alarme chega à pessoa onde ela estiver, e isso deixa o sistema autônomo”, diz o aluno.

## Cultura colaborativa

Se Vitor Malvasi utilizou a Mostra de Ciências para aprimorar o projeto da irmã, o ex-aluno Lucas Persico teve a oportunidade de fazer o mesmo com uma ideia própria. Em 2014, ele e dois colegas, Victor Benito e Juan Fernando Cortes, então na 1ª série do Médio, fabricaram um par de óculos para cegos, cujas hastes vibravam ante a proximidade de obstáculos.

A ideia de um equipamento para deficientes visuais havia inspirado um projeto anterior de Lucas, em parceria com outro colega. No caso, um par de sapatos que detectasse objetos no caminho. Mas a invenção não saíra como esperado. “Usar o sensor nos pés gerou complicações devido à distância em relação ao solo. O projeto deu parcialmente certo”, diz Lucas, que não desistiu do conceito.

Um ano depois, montou nova equipe, com Victor e Juan Fernando. Decidiram seguir a mesma ideia, mas com duas alterações. A primeira: em vez de sapatos, um par de óculos, com sensor e motor Vibracall ao lado de cada lente. A segunda mudança no projeto original foi a

tecnologia utilizada. Se na primeira tentativa Lucas havia trabalhado com um microcontrolador da Lego, dessa vez o grupo usou o Arduino – uma plataforma de prototipagem mais avançada, mas ainda relativamente acessível para leigos (foi a mesma tecnologia usada pelos irmãos Malvasi).

Composto de uma placa de circuito com microcontrolador, o Arduino pode ser conectado a diversos tipos de sensores – de luz, de som, de toque, de calor, etc. – e programado para reagir conforme o propósito do projeto. “O Arduino dá muitas possibilidades; é bem simples e tem muitas bibliotecas disponíveis *on-line*”, diz Victor, referindo-se a programações de funções específicas (soar alarme, ligar e desligar aparelhos, etc.) já escritas e disponibilizadas gratuitamente na internet, por pessoas adeptas à cultura colaborativa de *software* e *hardware* livres, defendida pelos criadores do Arduino.

Os óculos funcionaram. E, ainda que não fossem o mais elegante dos aparelhos – “a placa ficava atrás da cabeça, pendurada por fios”, reconhece Victor –, deram ao grupo uma medalha de prata na Cienciarte e o direito de expor na MOP – Mostra Paulista de Ciências e Engenharia – daquele ano.

A aptidão em programação também rendeu frutos para Luisa Andrade, Renata Quadros, Sophia Pereira, alunas da 1ª série do Médio, e Letícia Gouvêa, do 9º ano. Em junho, o quarteto participou de etapa seletiva da competição Arduino Challenge, do Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel). Reunindo estudantes de todo o País, trata-se de um desafio entre equipes, que devem programar um carrinho-robô para diversas tarefas: buzinar, piscar faróis, fazer um trajeto, estacionar, etc. Na seletiva, as quatro fizeram o menor tempo entre as equipes do Vital, conquistando vaga na final, em outubro, na sede do Inatel, em Santa Rita do Sapucaí (MG).

Por si só, o contato com o mundo da robótica já foi um valioso prêmio. “Depois da competição, comecei a pesquisar, comprei livros de [linguagens de programação] HTML, Java...”, diz Sophia, que, como Letícia, diz-se inclinada a uma carreira nas Ciências Exatas.

Mesmo para quem não atue na área, contudo, compreender a lógica e as possibilidades da tecnologia digital é diferencial cada vez mais importante no mundo atual – motivo pelo qual o Vital vem promovendo *workshops* de Arduino e participações de alunos em tais competições há algum tempo. Trata-se, afinal, de um campo que promove competências como iniciativa (fazer você mesmo), imaginação (idealizar um projeto), persistência (testar, corrigir, aprimorar), valorização do conhecimento e do trabalho coletivo. Tudo o que a Ciência, em suma, melhor representa.

## RAIO-X DO ENSINO MÉDIO

Roberta, André e Solange, os profissionais à frente da Coordenação do Ensino Médio.

### EQUIPE

- **ANDRÉ REBELO, coord. pedagógico:** tecnólogo em processos de produção, licenciado em Matemática, pós-graduado em Gestão Escolar, mestre em Educação.
- **SOLANGE FRASCA, coord. adjunta:** psicóloga, pedagoga, pós-graduada em Psicopedagogia, mestre em Educação.
- **ROBERTA ALVES DE SOUSA, auxiliar de Coordenação.**
- **20 professores especialistas:**
  - 1 tem título de doutor;
  - 55% têm mestrado;
  - 100% têm pós-graduação *lato sensu*.
- **2 estagiários para laboratórios:** 1 graduando de Química (Mackenzie), 1 graduando de Física (USP).
- **4 corretores externos de Redação.**

### CURRÍCULO DIFERENCIADO (turno) E PROGRAMAS DE APOIO (contraturno)

- **Período integral:** seg., ter. e qui. para 1ª e 2ª séries; de seg. a sex. para 3ª série.
- **5.960 horas-aula** ao longo do Ensino Médio (carga horária mínima por lei: 2.400).
- **12ª aula:** aulas de aprofundamento, após o horário (17h15 às 18h), na 3ª série.
- **Plantão de Dúvidas** com estagiários dos laboratórios, às quartas e sextas.
- **Espanhol** optativo para 1ª e 2ª séries às quartas-feiras.
- **Suporte operacional e material** (disponibilidade de salas, lousa, marcador, conexão *wi-fi*, etc.) a grupos de estudo e a tutores acadêmicos (alunos que ensinam a alunos).
- **Programa Especial de Estudos (PEE):** quando necessário, para alunos com dificuldade.
- **Olimpíadas Acadêmicas:** aulas preparatórias para Olimpíadas de Matemática, Física e Química.
- **Orientação de Estudos:** suporte no planejamento da rotina e métodos de estudo.
- **Orientação Acadêmica e Profissional** para escolhas mais maduras de área de interesse, curso, instituição, etc.

### INFRAESTRUTURA

- Todas as salas com recursos multimídia.
- *Wi-fi* exclusivo do ciclo e estação itinerante com *iPads* para projetos de inovação.
- Laboratório de Ciências/Química.
- Laboratório de Biologia/Física.
- Piscina semiolímpica (25 m) coberta e aquecida.
- Estúdio de Artes.
- Salas de Inglês exclusivas (a partir do 6º ano, programa de Inglês com Coordenação à parte, estruturado em estágios semestrais e turmas organizadas por desempenho).

# Paixão pela leitura

Da alfabetização a uma cultura de valorização da leitura, como o Vital faz os alunos lerem mais e melhor.

1

Rodas de contação de histórias: gostar de ler antes mesmo de aprender a ler.



2

Em cada sala, um acervo particular: os livros como parte do cotidiano.

**Em *Uma História da Leitura*, o escritor argentino Alberto Manguel conta como, aos quatro anos, descobriu que podia ler.** Até então, ele sabia que as “formas pretas e rígidas” junto às figuras do livro infantil representavam um código, que revelava o nome de cada figura – menino – e o que acontecia com elas: o menino corre. Mas o código ainda lhe era estranho; sua babá lia para ele. Até que, um dia, ele viu um cartaz na estrada com algumas daquelas formas que conhecia de seu livro. De repente, ele sabia. “Escutei-as em minha cabeça, elas se metamorfosearam, passando de linhas pretas e espaços brancos a uma realidade sólida, sonora, significativa”, recorda.

O prazer sentido por Manguel ao decifrar o código da escrita é familiar à maioria das pessoas alfabetizadas. Não seria, porém, o único nem seu maior prazer relacionado às letras. Como ocorre com todo bom leitor, a história de leitura do argentino estava só começando. Porque, entre ser capaz de compreender o bê-a-bá e de ler um *Dom Quixote*, por exemplo, há um longo percurso. E, nesse percurso, a escola tem muito a contribuir.

“Há uma diferença entre alfabetização e letramento”, diz Renata Weffort, coordenadora assistente da Educação Infantil e do 1º ano do Vital Brazil. “Em linhas gerais, alfabetização é a aquisição do código alfabético; letramento é o desenvolvimento das competências, do hábito e do prazer da leitura”. Não é preciso, todavia, esperar que a criança aprenda a ler para fazê-la gostar de ler. Na primeira etapa da vida escolar, os

dois eixos podem e devem ser trabalhados simultaneamente.

É o que se vê em rodas de leitura e de contação de histórias promovidas do Maternal ao 1º ano. São atividades diferentes com objetivos em comum.

As primeiras envolvem um contato livre dos alunos com os livros: em sala de aula ou na biblioteca, a professora dispõe no tapete alguns títulos para que cada criança pegue o que mais lhe interessar. Elas ainda não leem, mas já exercitam procedimentos de leitura, como o manuseio das páginas, a escolha de títulos e a troca de impressões com colegas. Além disso, mesmo sem ler, a criança já é capaz de “entrar no mundo do livro”, seja pelas figuras, seja pelo conhecimento prévio do enredo. Já na contação de histórias, os alunos ouvem a professora. Também aqui se dá o encantamento – tanto maior quanto mais expressiva for a leitura da professora, com uso de vozes e entonações distintas, expressões dramáticas e objetos de cena.

Ao mesmo tempo, ambas as atividades ajudam a apresentar à classe o código alfabético. “Nessa fase, trabalhamos com as chamadas palavras estáveis e de referência”, diz Renata, referindo-se a palavras com as quais as crianças têm contato frequente, como, por exemplo, seu nome próprio ou o nome dos personagens das histórias infantis: galinha, rato, macaco. “Os alunos veem essas palavras escritas em livros, cartelas, etiquetas, na lousa, e vão associando os sons aos sinais”.

## Para além do enredo

“É como uma cortina que se abre. A leitura deixa de ser código por código, sílaba por

3

Alunos em dramatização de leitura: percebendo como a linguagem influencia o conteúdo.

sílaba, e eles passam a querer ler tudo”, diz Káthia Kobal, coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I, sobre a alfabetização. Realmente, a partir daí, um dos papéis da escola é apresentar aos alunos um pouco de tudo. Ao longo do Ensino Fundamental, os alunos do Vital leem contos de fada, lendas, fábulas, poemas, quadrinhos, cordéis, contos, romances, peças de teatro, além de cartas, receitas, reportagens e outros gêneros não literários.

Embora essas leituras sejam avaliadas e rendam notas ao aluno (por meio de atividades diversas, como questionários e dramatizações), o objetivo principal, diz Káthia, é a valorização da leitura em si, a criação de uma comunidade de leitores. “O livro deve ser fonte de prazer intelectual, não obrigação”. É por isso que as rodas de contação e visitas à biblioteca são tão frequentes na Educação Infantil; ou que, do Pré II ao 5º ano, toda sala de aula tenha acervo próprio de livros e gibis, para consulta livre dos alunos; ou que, toda semana, algumas horas de aula sejam sistematicamente dedicadas para que os alunos selecionem livros para ler em casa, socializem suas experiências e recomendem títulos uns aos outros.

É por isso, também, que não se fala mais em “livros paradidáticos”, como explica Débora Evans, professora de Língua Portuguesa de 8º e 9º anos: “O termo ‘paradidático’ pressupõe um apoio ao conteúdo didático, e a função da literatura não é essa”.

Até porque, como nota Débora, a partir de certo momento, a qualidade da leitura muda, e a forma como um texto é escrito passa a ser apreciada tanto quanto seu con-

teúdo. “Antes, os alunos ainda estão muito presos à história – o que vai acontecer no final, qual será o mistério”, diz a professora. “Mas então eles começam a perceber as entrelinhas, a entender ironias e metáforas, a questionar a intenção do autor. É isso que faz os olhos de um leitor brilhar”.

Professora de 6ª e 7ª anos, Mariane Rodrigues concorda com a colega. “O projeto do Vital vai em direção à ampliação do olhar crítico”, diz. Assim, os debates em sala de aula sobre os livros lidos cada vez mais ultrapassam o enredo, demandando dos alunos a interpretação de ideias e valores contidos nas obras, reflexão sobre eles e sua relação com o mundo real.

Chegando ao Ensino Médio, a apreciação da literatura como arte – conteúdo e forma, enredo e linguagem – se consolida. Assim como toda arte, um livro reflete o contexto sócio-histórico em que foi produzido, daí por que as aulas de Literatura do Médio passam a acompanhar as aulas de História, em termos de época estudada. “Começamos com cantigas do trovadorismo do século XIV e vamos até os anos 2000”, diz o professor Carlos Daniel Vieira, que, para enfatizar o vínculo entre o texto e seu tempo, utiliza pinturas contemporâneas às obras estudadas. “A mesma época que produz o modernismo em Fernando Pessoa produz um Salvador Dalí”. Perceber essa relação, diz Carlos, é fundamental para uma leitura mais profunda, compreensiva e, conseqüentemente, mais prazerosa. “Só amamos o que compreendemos”.

4

Literatura como Arte: compreendendo os valores e o contexto sócio-histórico de cada obra.





Victor Chaim e Gilberto Vilar, ex-alunos do Vital, colegas no curso de Mecatrônica da Poli.

# Parceiros de sucesso

Ex-alunos estão prestes a passar dois anos na Europa em programa de intercâmbio pela Poli-USP.

**Se tudo correr como planejado**, em 2018, Gilberto Vilar e Victor Chaim seguirão cada um o seu caminho, depois de cinco anos de convívio quase diário e parceria acadêmica bem-sucedida. Eles se conheceram na 2ª série do Ensino Médio do Vital, em 2013, e não demorou para que afinidades de interesse e perfil os aproximassem. Eram ambos bons alunos, com inclinação para a área de Exatas e gosto por construir coisas. Tinham ambos a habilidade de correr atrás de suas metas, demonstrando o foco e o empenho necessários para alcançá-las.

A Mostra de Ciências do Vital de 2013 foi o primeiro fruto da parceria. Gilberto, Victor e um colega, Pedro Ernesto Noronha, construíram um carro-robô que rodava sozinho por uma pista traçada no chão com fita isolante. O projeto foi o grande vencedor da Mostra naquele ano, em parte por apresentar um diferencial construtivo que passava despercebido pelo público leigo. “Já existia toda uma classe de projetos de robôs seguidores de linha, a maioria utilizando linguagem de programação digital”, lembra Gilberto. “Mas nós fabricamos um robô analógico”.

Em resumo, uma vez ligado, o carrinho fazia o percurso correto sem precisar ser programado, com base apenas na interação dos elementos físicos do sistema: carro, fita isolante, luz e energia elétrica. Parece pouco? O júri da Febrace (Feira Brasileira de Ciências e Engenharia) discordaria, já que, no ano seguinte, o projeto ganhava um prêmio de inovação da empresa 3M, participante do evento.

O entusiasmo com o prêmio solidificou em Gilberto e Victor a certeza pela Engenharia Mecatrônica (Pedro Ernesto optou por Medicina). Tendo a Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) como alvo, estudaram juntos, um auxiliando o outro – e ambos ajudando colegas, já que foram voluntários no programa de tutoria acadêmica do Vital. No fim de 2014, foram aprovados.

Hoje no terceiro ano de Poli, eles ainda estudam na mesma sala, mantendo a amizade e o senso de parceria que os fazem vibrar um pela conquista do outro. E a próxima conquista está prestes a se realizar.

Eles acabam de ser pré-aprovados pela USP para um intercâmbio em universidades estrangeiras: Gilberto no Instituto Politécnico de Turim, na Itália; Victor na Arts et Métiers ParisTech, na França. Agora faltando apenas a última etapa do processo classificatório – uma mera formalidade, ao que tudo indica, ainda mais pelo histórico de boas notas, atividades voluntárias e eventos científicos no currículo de ambos –, eles deverão estudar nessas instituições por dois anos, ao fim dos quais terão diploma de máster, retornando ao Brasil em 2020 para concluir o último semestre do bacharelado.

Com objetivos profissionais distintos – Gilberto quer atuar na área de Biomecatrônica, projetando próteses e tecnologias assistivas, enquanto Victor trilhará a Engenharia Aeroespacial –, por ora eles terão seu convívio e parceria interrompidos. Mas a amizade, forjada pelo amor à Ciência e pelo valor que ambos dão ao esforço e aos estudos, essa dificilmente acabará.